

O Comportamento Humano em Busca de um Sentido

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães
(Organizador)**

O Comportamento Humano em Busca de um Sentido

**Vinicius Oliveira Seabra Guimarães
(Organizador)**

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C737	O comportamento humano em busca de um sentido [recurso eletrônico] / Organizador Vinicius Oliveira Seabra Guimarães. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019 Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-861-8 DOI 10.22533/at.ed.618192312 1. Comportamento humano. 2. Filosofia. 3. Sociologia. I. Guimarães, Vinicius Oliveira Seabra. CDD 170
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “O Comportamento Humano em Busca de um Sentido” é especialmente diversa e complexa, assim como o ser humano o é. Então, os textos apresentam inúmeras facetas da condição e da situação humana, desvelando as vulnerabilidades, as inquietações, as tormentas e os dramas que se estabelecem na formação da identidade humana. A partir desses distintivos, os autores e autoras apontam para caminhos diversos acerca da compreensão dos sentidos da vida e sinalizam para a importância das teias de relações sociais que, impreterivelmente, tornam o ser humano um sujeito coletivo.

Os textos versam acerca do adoecimento humano, dos transtornos sociais, da crise existencial, da construção da moralidade, da formação humana, da condição psíquica e da transformação social. Nesse sentido, os capítulos trafegam pelos campos da Sociologia, da Filosofia e da Psicologia, focando em geral nas Ciências da Saúde como plataforma de análise. O entendimento geral é que o ser humano permanece inconcluso, interminável e indecifrável. Contudo, apesar de tamanha complexidade inerente ao ser humano, é possível tatear algumas perspectivas e aferir algumas conclusões, ainda que provisórias, acerca dos sentidos atribuídos ao comportamento humano, e foi exatamente isso que os autores e autoras se propuseram fazer nessa obra.

Os capítulos remetem as realidades de várias regiões do Brasil, perpassando os Estados de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Sergipe, Bahia, e Rio Grande do Sul; também apresenta uma colaboração internacional de Buenos Aires, Argentina. As pesquisas foram desenvolvidas por professores e estudantes vinculados com a Faculdade de Tecnologia e Ciências – unidade Jequié/BA, Fundação Oswaldo Cruz, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade Estácio de Sá, Universidade Estadual Paulista, Universidade Federal do Rio Grande, Universidade Tiradentes e com a Universidade John F. Kennedy (Argentina). Nesse viés, compreende-se que essa diversidade acadêmica contribui para um olhar múltiplo, transdisciplinar e empático ao comportamento humano no cenário atual.

O percurso proposto inicia com uma discussão filosófica acerca da moral em Immanuel Kant. Depois se discute a questão da musicalidade como processo terapêutico. Posteriormente, entra-se no campo da inclusão social de crianças e adolescentes com doenças crônicas. Em seguida repousa-se o olhar sobre a formação infantil no espaço social imagético dos desenhos animados. Logo depois, parte-se para uma aproximação teórica entre Zygmunt Bauman e a crise existencial de estudantes universitários. No mesmo trajeto, em seguida, se analisa o consumo de drogas e o comportamento sexual de jovens na modernidade. Posteriormente, repousa-se a análise na convivência hospitalar como cenário de ressignificação e humanismo das práticas hospitalares dando ênfase a cultura de orientação ao erro e ao aperfeiçoamento da

comunicação. E, por fim, faz-se um relato acerca das possibilidades de transformação social e da integração acadêmica desenvolvida por uma universidade comunitária. Então, por ser diverso, complexo e instigante, convidamos a todos para ler e reler essa obra que apresenta perspectivas acerca do comportamento humano e suas insistentes buscas por sentidos.

Vinicius Oliveira Seabra Guimarães

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A BOA VONTADE E O BOM MORAL NA INVESTIGAÇÃO ACERCA DA MORALIDADE DE IMMANUEL KANT	
Renata Cristina Lopes Andrade Alonso Bezerra de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.6181923121	
CAPÍTULO 2	12
MÚSICA NOS PROCESSOS TERAPÊUTICOS E/ OU REABILITACIONAIS: ANÁLISE DE SEUS PRINCÍPIOS, PRÁTICAS E BENEFÍCIOS	
Bárbara de Souza Bim Maria Clara Sales de Medeiros Souza Suellen Justina de Freitas Nadir da Glória Hagiara-Cervellini	
DOI 10.22533/at.ed.6181923122	
CAPÍTULO 3	26
A INCLUSÃO SOCIAL E FAMILIAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DOENÇAS CRÔNICAS NO BRASIL	
Davi Augusto dos Santos Soares Tayanne de Araujo Lobão	
DOI 10.22533/at.ed.6181923123	
CAPÍTULO 4	32
O OLHAR INFANTIL SOBRE RELAÇÕES E PAPÉIS DE GÊNERO A PARTIR DO DESENHO ANIMADO	
Viviane Ferracini Papis Plínio de Almeida Maciel Jr	
DOI 10.22533/at.ed.6181923124	
CAPÍTULO 5	45
CRISE EXISTENCIAL E O SENTIDO DA VIDA NO CONTEXTO DA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES DE NÍVEL SUPERIOR	
Beatriz Nascimento Andrade Moura Juliane dos Santos Almeida Luane Seixas Pereira Cunha Larissa de Oliveira Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.6181923125	
CAPÍTULO 6	57
EFEITO BACO: UM OLHAR SOBRE A BUSCA PELO PRAZER ATRAVÉS DO CONSUMO DE DROGAS E COMPORTAMENTO SEXUAL DE JOVENS EM RAVES	
Liliane Botelho Antunes Menezes Norma Cristina Cardoso Brandão Julio Cesar Rodrigues Alberto Rodriguez Blanco Maria Cristina Rodrigues Guilam	
DOI 10.22533/at.ed.6181923126	

CAPÍTULO 7	69
CULTURA DE ORIENTAÇÃO AO ERRO: EXPLORANDO PERCEPÇÕES NA ATENÇÃO BÁSICA DA SAÚDE	
Norma Cristina Cardoso Brandão	
Liliane Botelho Antunes Menezes	
Mirna Miguel Passos	
Roberto Senini	
DOI 10.22533/at.ed.6181923127	
CAPÍTULO 8	79
DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL QUE FACILITE A CONVIVÊNCIA E A COMUNICAÇÃO EM ENFERMARIA PEDIÁTRICA	
Ana Laura Schliemann	
Ludmylla Cursi Razza	
Michele Amorim da Silva	
Paula Prado Lima	
Tâmisa Pires Catão	
DOI 10.22533/at.ed.6181923128	
CAPÍTULO 9	90
PROJETO RONDON: OPERAÇÃO ENCANTOS DO VALE NO MÉDIO VALE DO ITAJAÍ E VALE EUROPEU-SC, NA PERSPECTIVA DE UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA	
Rafael Amaral Oliveira	
Fernanda Guglielmi Faustini Sônego	
Giovana Vito Mondardo	
DOI 10.22533/at.ed.6181923129	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	93
ÍNDICE REMISSIVO	94

O OLHAR INFANTIL SOBRE RELAÇÕES E PAPÉIS DE GÊNERO A PARTIR DO DESENHO ANIMADO

Viviane Ferracini Papis

PUC-SP - Graduanda em Psicologia

São Paulo - SP

Plínio de Almeida Maciel Jr

PUC-SP - Departamento de Psicologia do

Desenvolvimento

São Paulo - SP

RESUMO: A televisão brasileira reproduz e incute nos espectadores normas de identidade que servem como referência social, marginalizando aquelas consideradas desviantes. Por sua vez, a socialização infantil também é perpassada por normas nas quais estão implicadas relações hierárquicas de poder, presentes de forma proeminente nos desenhos animados. Assim, o estudo pretendeu compreender como crianças entendem e reproduzem relações e papéis de gênero na interação com episódios do desenho animado “Steven Universo” (Canal Cartoon Network), produto que contempla as transformações sociais contemporâneas de gênero e sexualidade. A partir de encontros com 5 crianças participantes com idade entre 5 e 11 anos, se observou a manutenção de valores da norma heterossexual em relação aos personagens e elementos apresentados no desenho animado, como reflexo da sua socialização e de outros produtos midiáticos

consumidos cotidianamente. Ademais, as crianças mais velhas puderam reconhecer formas desviantes como possibilidade de expressão de gênero, referente às personagens que são apresentadas no desenho animado. Concluindo, “Steven Universo” se insere no contexto de superação de barreiras referente às demandas de protagonismo das crianças acerca dos produtos midiáticos e como participantes de pesquisas científicas, ao apresentar a brincadeira como instrumentos alternativos de pesquisa para futuros estudos de reprodução interpretativa e cultura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: desenvolvimento infantil; gênero; desenho animado; meios de comunicação televisiva; *Steven Universo*.

THE CHILD’S OUTLOOK ON GENDER RELATIONS AND GENDER ROLES BY WAY OF THE CARTOON

ABSTRACT: Brazilian television reproduces and instills identity norms in its viewers that function as social reference, marginalizing those considered deviant. In turn, child socialization is also infused with norms in which hierarchical power relations are implied, present prominently in cartoons. Thusly, the current study aimed to comprehend how children understand and reproduce gender relations and roles in interaction with episodes of the children’s cartoon “Steven Universe” (Cartoon Network Channel),

a product that contemplates the contemporary social transformations of gender and sexuality. From meetings with 5 participant children of ages between 5 and 11 years, it was observed that they reproduced the heterosexual norms and values in relation to the characters and elements presented in the cartoon, as a reflection of their socialization and of other media products consumed daily. Besides, the older children were able to recognize the deviant forms as a possibility of gender expression, referring to the characters thus presented in the cartoon. In conclusion, “Steven Universe” is inserted in the context of overcoming obstacles related to the demands of children’s protagonism about media products and as participants of scientific research, addressing play as an alternative research instrument for future studies on interpretative reproduction and children’s culture.

KEYWORDS: child development; gender; cartoon; television mass media; *Steven Universe*.

1 | INTRODUÇÃO

A constituição do campo de pesquisa das Tecnologias da Informação e Comunicação permite a reflexão do envolvimento da infância com as mídias tecnológicas, sendo estas mídias instrumentos culturais de aprendizagem. Por esses meios, se constrói um ideal normalizado, que marginaliza as minorias e que se repetem e se reconstrói através deles. Deve-se considerar que as mídias tecnológicas são relevantes para a apropriação e socialização do mundo pelos sujeitos, embora esse processo de apropriação e socialização ocorra de forma dinâmica. A apropriação das normas e valores sociais por parte da criança acontece de forma ativa em relação às influências do contexto em que ela vive. Além disso, nesse processo, estão implicadas relações de poder que disciplinam os comportamentos aprendidos nos diversos contextos sociais e produzem ideias de gênero reproduzidas nos espaços lúdicos e nos desenhos animados (LOURO, 1997; MISKOLCI, 2012; NASCIMENTO & PEIXOTO, 2015).

A partir de uma concepção inventiva da infância, se considera a possibilidade de abarcá-la de forma mais flexível e considerá-la como produtora de uma cultura particular. Com base em seus estudos etnográficos das brincadeiras de pré-escolares, o sociólogo norte-americano William Corsaro (2002) consolidou os conceitos de *reprodução interpretativa e cultura de pares*, de modo a considerar as crianças como produtoras de história e cultura infantis e construtoras de conhecimento. Para ele, a socialização é um processo reprodutivo: há uma apropriação criativa de informações da realidade considerada do mundo adulto na produção de uma cultura própria a partir da atividade lúdica, expandindo-a e contribuindo posteriormente para a reprodução da cultura adulta, processo este nomeado como reprodução interpretativa.

Desse modo, a criança pode ser compreendida enquanto protagonista em seu processo de aprendizagem social, igualmente se mediada pela tecnologia. Portanto, no estudo da infância, deve-se compreender as condições de apropriação das mídias

e como se integram em seu cotidiano, alterando modos de pensar, se comportar, interagir e produzir, a partir de sua inserção em um contexto histórico-cultural, e também observar as ações e transformações produzidas na realidade (NASCIMENTO & PEIXOTO, 2015).

Nessa perspectiva, destaca-se como agente midiático de socialização referente ao público infantil o desenho animado, que atua como espaço de formação de identidade. Por intermédio da observação e reconhecimento do/no outro, o desenho tem seus símbolos transformados ou conservados na reprodução criativa em forma narrativa, influenciando e mantendo crenças, valores e normas sociais. Em contato com esses desenhos animados, as crianças adaptam seus elementos para dar forma a conflitos afetivos e apresentar algum tipo de solução para suas questões, de modo que, juntamente com a brincadeira e a produção fantasiosa, os desenhos animados podem participar da constituição e desenvolvimento da criança (CAPELLINI, MACHADO & SADE, 2012; CLARK, 2017; CUERVO, BURGOS & ÁNGEL-BOTERO, 2013).

Contudo, muitos desses desenhos, reproduzem padrões heteronormativos, isto é, reiterando comportamentos conforme as ideias hegemônicas de feminilidade e masculinidade, contribuindo para um modo de subjetivação valorizado pela sociedade como um todo. E ainda que voltados para o público infantil, esses produtos pouco correspondem às vivências e significações contemporâneas desse público. Desse modo, se apresenta a demanda de produtos que consideram a infância como inventiva e que possam abarcar as representações de gênero de forma mais diversificada (CORDEIRO & PENITENTE, 2014; SALGADO, 2012).

A respeito dessas demandas, a criadora de “Steven Universo” (desenho animado exibido desde 2013 no Canal *Cartoon Network*) Rebecca Sugar, destaca a necessidade de representar conteúdos realistas de performance de gênero e construções de relacionamento em oposição ao padrão heteronormativo, de forma que o debate acerca da representação LGBT (ou até mesmo queer) em programas infantis receba ainda mais indagações por parte das instituições normativas (GOULAR & MAIO, 2015; TREMEER, 2016).

Com essas indagações, o estudo relatado pretendeu investigar se as propostas de representação da diversidade a partir da linguagem midiática (partindo do desenho animado “Steven Universo”) enaltecem e contribuem com os processos (re)produtivos infantis e podem atender às demandas do protagonismo infantil na mídia brasileira.

1.1 *Steven Universo*

O desenho animado acompanha as aventuras de um grupo de guerreiras, chamadas de Gemas de Cristal (do original, *Crystal Gems*), gemas preciosas vindas de outro planeta cujos corpos se constituem de energia e massa. Nos episódios, estas protegem a vida na Terra de monstros e ameaças maiores vindas de diferentes lugares do universo e de sua terra natal, *Homeworld*, com o objetivo de explorar os recursos do planeta. O grupo de heroínas (e herói) consiste em Garnet, reconhecida como a

descolada líder do time; Pérola, representante da voz da razão; Ametista, personagem impulsiva; e, o personagem principal, Steven Universo, o único aliado masculino do grupo e inexperiente em suas aventuras.

A narrativa acompanha as interações das *Crystal Gems* com os cidadãos da cidade onde se passa o desenho, *Beach City*, onde o espectador observa o relacionamento de Steven com seu pai, Greg Universo (mora em uma van e trabalha em um lava-rápido); sua mãe, Rose Quartz, antiga fundadora e líder do grupo, que renunciou à sua forma humana para que Steven pudesse nascer; o desenvolvimento de sua amizade com Connie Maheswaran, sua melhor amiga; entre outros personagens menores do desenho animado.

1.2 Uma retomada sobre perspectivas de gênero

Conforme Guacira Lopes Louro (1997), o gênero pode ser abarcado enquanto categoria de análise a partir das configurações históricas das representações sociais. Constitui-se parte da identidade compreendida neste contexto como múltipla, fluida, contraditória e constantemente transformada. As práticas e instituições sociais são constituídas por e constituem os gêneros, de forma que podem ser definidas como generificadas, produzidas a partir das relações de gênero. A identidade sexual se constrói pela vivência da sexualidade, e pode ser identificada social, cultural e historicamente com determinações masculinas e femininas sob uma perspectiva binária, configurando assim a identidade de gênero. Deve-se notar o caráter de construção dessas identidades enquanto em transformação na interação social atravessada por diversos discursos e símbolos, e assim vão se arranjando conforme as disposições sociais do tempo, da história, etc.

Partindo dessa concepção e consolidando a construção das identidades no interior das relações e jogos de poder a partir de concepção foucaultiana do discurso como instrumento de efeito deste poder, a filósofa estadunidense Judith Butler, representante do campo de Estudos Queer, apresenta uma concepção do gênero como resultado de ações repetitivas intencionais no lugar de uma mobilização em torno de uma identidade feminina ou masculina, processo que Butler denominou de performatividade, questionando assim a dominante correspondência entre sexo, gênero e orientação sexual (PISCITELLI, 2009).

O conceito de performatividade, essencial em sua obra, parte da afirmação de que não há corpo inscrito anteriormente à cultura. Desse modo, gênero não se trata da identidade enquanto essência individual, e sim como sua atuação. Tratá-lo como identidade significaria estilizar o corpo de forma repetida dentro de um quadro rígido e regulatório que solidifica uma aparente substância e consistência natural do ser, algo que o campo dos Estudos Queer pretende desconstruir. O ato do gênero torna aquilo que ele nomeia, no sentido de que essas identidades são construídas pela linguagem no ato da descrição. A caracterização do sujeito por um outro o insere em determinações regidas por regras que controlam os corpos, a heteronormatividade, e

ensinam atuações que os generificam (LOURO, 1997; SALIH, 2007; WESTBROOK & SCHILT, 2014).

O olhar *queer* sobre a cultura implica em utilizar uma perspectiva crítica sobre normas e convenções de gênero e sexualidade, recusando a definição, a estabilidade e a aceitação da existência do sujeito como pressuposto, pretendendo a desconstrução da categoria e defendendo a instabilidade e indeterminação de todas as identidades sexuadas e generificadas. É na vivência social, e principalmente na escola, que se aprende e se esculpe modos esperados de comportamento e se aplica as penalidades e violências exercidas a quem não se conforma com essas regras, com a heterossexualidade considerada hegemônica. Essa norma compulsória de comportamento foi compreendida no movimento dos Estudos Queer pelo conceito de “heteronormatividade”, isto é, uma ideologia que promove uma perspectiva convencional das relações de gênero, baseada no binarismo de gênero e na heterossexualidade como norma, visando denunciar as consequências que ela traz para as vidas das pessoas homossexuais, bissexuais e aqueles que divergem dessas formulações (CONNELL & PEARSE, 2015; MISKOLCI, 2012; ROCHA, 2014).

1.3 Considerações teórico-práticas em pesquisa com crianças

Em relação à implicação ética na pesquisa com crianças, parte-se do seu tratamento como participante ativo, uma vez que é compreendida como sujeito significativo que pode construir conhecimento e que pode atuar sobre ele em relação à sociedade. A escolha das técnicas e métodos eticamente informados fazem com que a pesquisa adquira solidez metodológica, respeitando dessa forma que o sujeito esteja informado da pesquisa, que esta participação seja voluntária e que haja renegociações para possíveis desistências, além de considerar os riscos e os benefícios do ato de pesquisar, bem como a confidencialidade (FERNANDES, 2016).

Uma das formas de confidencialidade mais utilizadas em pesquisa é o anonimato. Contudo, Kramer (2002) critica a tentativa de neutralidade e apresenta a necessidade de levar em consideração o sujeito que expressa uma voz, sendo então necessário enaltecê-la, bem como proteger sua identidade e intimidade. Nesse sentido, o presente estudo permitiu que as crianças participantes escolhessem sua própria condição de anonimato e o nome a ser apresentado no relato, garantindo então a expressão protagonista das mesmas.

Para Xavier Filha (2012), ao pensar a potencialidade da pesquisa com e sobre crianças é preciso uma série de pressupostos metodológicos para orientação, uma vez que o desafio está em efetivar sua participação.

Ao dar voz e vez às crianças, o professor ou pesquisador pode revelar os modos de atuação da criança no mundo em situações em que ela ao mesmo tempo se apropria da cultura historicamente elaborada e também (sic) produz uma cultura infantil. Essa cultura infantil pode se expressar de diferentes maneiras, a saber: gestos, brincadeiras, brincadeiras de papéis sociais ou faz-de-conta, jogos protagonizados e movimentos (CORDEIRO E PENITENTE, 2014, p. 74).

Esse tipo de estratégia permite ao pesquisador compreender os pontos de vista da criança a partir da reflexão de seu próprio papel na realidade investigada. É um envolvimento entre pesquisador e participante no qual ambos se transformam, assim como os processos de comunicação que se pretende compreender. Além disso, propicia uma situação bastante agradável, na qual a criança pode se sentir confortável e segura, algo fundamental para minimizar quaisquer riscos não previstos que podem vir a se apresentar (SALGADO, PEREIRA, SOUZA, 2005).

2 | CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para responder aos objetivos expostos acima, foi preciso recorrer aos entendimentos das crianças acerca das relações e papéis de gênero na interação com episódios de “Steven Universo”, com a delimitação de procedimentos e instrumentos compatíveis com a concepção de infância apresentada anteriormente. Para tanto, foram realizadas entrevistas com as mães visando a compreensão da dinâmica familiar, do histórico de desenvolvimento dos filhos e sua interação com os produtos midiáticos; e em seguida foram realizados encontros separados com cinco crianças participantes com idades de 5 a 11 anos que apresentaram conhecimento prévio do desenho animado.

Nos encontros realizados com as crianças participantes, foram delimitadas algumas etapas divididas em diferentes atividades. A ordem das atividades ficou à critério da autora no momento do encontro com a criança participante, visto que não foi necessária a execução de cada atividade com todas as participantes.

O contato iniciou-se com apresentação de fotos dos personagens do desenho animado no formato PowerPoint, que se configurou no modelo de conversa livre com a criança acerca de seus interesses e concepções do desenho animado, visando motivá-la para a visualização dos episódios e despertar algumas questões para posterior conversa. Em seguida, aconteceu a exibição de quatro episódios selecionados do desenho animado. Finalmente, foram estimuladas, quando possível, conversas livres com as crianças participantes sobre suas percepções do que foi visto nos episódios, com o objetivo de conhecer as experiências e opiniões das crianças sobre o episódio do desenho e aquilo que se relaciona com ele a partir de seus próprios discursos livres.

Houve ainda atividades lúdicas pós-exibição, de desenho livre, contação de história e brincadeira a partir da fabricação de bonecos dos personagens do desenho animado. Essas atividades, jogos e brincadeiras se constituíram enquanto ferramentas da produção de narrativas fantasiosas em conjunto com a criança, como forma de expressão das apropriações infantis dos conteúdos apresentados no desenho animado. Quanto à brincadeira, trata-se de relevante aspecto de desenvolvimento social que pode se manifestar como ferramenta fundamental na compreensão da apropriação infantil do mundo dos adultos, bem como modo de organizar em estruturas

complexas os símbolos, formando as características psicológicas humanas integradas aos processos sociais (NASCIMENTO, ARAÚJO & MIGUEIS, 2009).

A análise e a interpretação dos dados construídos na interação com os participantes ocorreu segundo princípios do método Qualitativo de Análise de Conteúdo (CAMPOS, 2004; SILVA & FOSSÁ, 2015). A análise ocorreu por meio do estabelecimento de algumas categorias representativas de unidades de sentido dos conteúdos expressos pelas crianças participantes e que melhor permitiram discutir seus entendimentos acerca das relações e papéis de gênero transmitidos em “Steven Universo”.

3 | DADOS DAS ATIVIDADES REALIZADAS COM AS CRIANÇAS

Os nomes apresentados são fictícios e foram escolhidos pelas crianças ou, na impossibilidade de escolha, a partir de seu desenho favorito, de forma a preservar o anonimato e garantir autoria e potencialidade às falas e produções das crianças participantes: CLARÊNCIO (11 anos); PETER (5 anos, única criança de classe baixa); ISADORA (8 anos) GABRIEL (11 anos, irmão de Isadora); HELENA (9 anos). As atividades foram divididas a seguir com breve descrição do que se realizou e algumas observações referentes à bibliografia consultada.

3.1 Apresentação de Personagens

Diversos aspectos relacionados a concepções de personagens, a preferências e a identificações, além de formas de compreender e descrever o mundo, puderam se exprimir a partir da conversa livre orientada pelo PowerPoint. Considerando que todas as crianças já apresentavam um conhecimento prévio sobre o desenho animado, a maneira como classificaram e qualificaram a narrativa e seus personagens auxiliou na compreensão de sua relação com as marcas identitárias e de comportamento de gênero, considerando o nível das descrições e capacidade de categorizar e abstrair seus conhecimentos.

As cores, armas e vestimentas referentes às personagens produziram essas marcas, que se construíram a partir das diferenças sexuais determinadas socialmente, marcando além do mais os corpos dessas personagens, como se observou numa das categorias apresentadas posteriormente. A maioria das crianças apresentou uma compreensão das personagens a partir de sua posição em relação ao herói, Steven e, portanto, apreciadas ou não, o que se configura em um raciocínio maniqueísta, apesar de o desenho animado tentar se afastar dessa configuração.

3.2 Exibição de Episódios

Apresentou-se nítida distinção entre as conversas realizadas com as crianças mais velhas, Clarêncio e Gabriel, e as realizadas com as mais novas, Peter, Isadora e Helena. As primeiras puderam expressar-se mais claramente e fundamentar suas opiniões, mesmo que utilizando um linguajar mais coloquial. Já o segundo grupo

de crianças apresentou maior dificuldade com a expressão verbal e explicação de seu ponto de vista, o que foi melhor aprofundado pelas atividades subsequentes. A apreciação e estranhamento de personagens, principalmente se referindo a fusões e sua aparência distinta, assim como o destaque de algumas cenas ou temas dos episódios assistidos, contemplam os elementos simbólicos e as mensagens midiáticas que foram incorporadas e reconstruídas em significados tocantes à sua compreensão de mundo (CLARK, 2017; CUERVO, BURGOS & ÁNGEL-BOTERO, 2013).

3.3 Produção de Desenhos

A despeito do desenho ser recurso recorrente no meio acadêmico para o estudo da infância, para a presente pesquisa a utilização de outros recursos lúdicos permitiram expressão mais espontânea por parte das crianças mais jovens, de modo que a produção dos desenhos ocupou lugar secundário para a análise e discussão. Assim, as produções puderam ser divididas em duas categorias, sendo elas de desenhos relacionados a referências pessoais e do cotidiano e de desenhos das identificações e concepções de personagens do desenho animado. Referente à primeira categoria, observa-se a reprodução realizada pelas crianças Peter e Helena como uma possibilidade de capturar e compreender o mundo, para representá-lo em uma abstração do que elas consideraram mais relevante. Referente à segunda categoria, identifica-se um movimento distinto, tratando-se de uma apropriação do episódio e identificação com os personagens representados no desenho (CLARK, 2017).

3.4 Construção de Histórias

A contação de histórias de maneira conjunta permitiu apresentar a maneira como as crianças se utilizaram dos recursos de narrativa fantasiosa na resolução das questões apresentadas pelo enredo na representação das estruturas constituídas socialmente acerca principalmente de padrões de gênero. Foram criados dois tipos de história com as crianças: a primeira mais livre e no formato de continuidade, e a segunda com uma estruturação inicial preparada pela pesquisadora, com o conflito de troca de corpos entre os personagens de gêneros opostos.

Concernente à história da troca de corpo, as crianças constituíram suas conclusões de forma a conformar os personagens à norma compulsória heterossexual e demarcadas pela lógica binária da separação das atividades e interesses. Interessante destacar, no entanto, que elas apresentaram a constatação na história de que todas as crianças podem realizar qualquer atividade a despeito de sua identificação de gênero, sem introjetarem essa perspectiva no comportamento de seus personagens, que mantiveram a separação baseada no gênero.

Essa etapa da pesquisa revelou-se interessante para compreender os esquemas de gênero e sua relação com o corpo, de forma como aparecem em seu cotidiano. Contudo, reconhece-se que seria mais interessante, para aprofundamento das compreensões do desenho animado, ter se utilizado de seus personagens em sua

construção.

3.5 Fabricação dos Bonecos e Brincadeira

As brincadeiras foram realizadas com Peter, Isadora e Helena, com as quais se possibilitou vivenciar, no lugar de acessar, os símbolos apropriados pelas crianças e adaptados em um roteiro da brincadeira conforme os conflitos afetivos mais pertinentes e transformados por meio da fantasia. Com a reprodução de situações passadas, como o episódio assistido pelas crianças, os símbolos empregados durante a brincadeira podem corresponder, ao longo do processo, à realização desses conflitos que orientaram o propósito da brincadeira em conformidade com os valores que já foram subjetivados socialmente (CUERVO, BURGOS & ÁNGEL-BOTERO, 2013; CAPELLINI, MACHADO & SADE, 2012).

A brincadeira, dessa forma, toma valor e importância no contexto acadêmico, por ser uma das formas de produzir e reproduzir vivências e culturas (MAFRA, 2015). Contudo, as ferramentas para a sua fundamentação não se apresentam com frequência na bibliografia, como é o caso da ferramenta do desenho, principalmente por associar-se a estudos etnográficos de cultura infantil atualmente (CORSARO, 2002).

Embora o emprego da brincadeira como instrumento de pesquisa apresente considerações significativas acerca do lugar que a criança pode ocupar enquanto sujeito de pesquisa, o que prevê análises mais horizontais por parte do pesquisador, na presente pesquisa, esse instrumento introduziu-se de forma mais rasa, uma vez que nos encontros se dispôs de pouco tempo para expressão da brincadeira, prejudicando uma análise mais aprofundada.

4 | ANÁLISE DE CONTEÚDO

4.1 Fusão como laço afetivo

Esta categoria surgiu da compreensão de que as personagens do desenho animado (principalmente as Gems) somente podem fundir-se se existir um laço que lhes permita estarem em sintonia e equilibradas. Clark (2017) afirma que “fusão” se configura como um relacionamento de amizade (Stevonnie) ou amoroso (Garnet), de acordo com as afirmações de grupos de fãs nas mídias sociais. As crianças denotaram, portanto, a compreensão de a fusão ser uma representação de uma relação afetiva, uma vez que seus componentes necessitam “ter amizade” ou ter “força de vontade” para estarem em equilíbrio e tornarem-se maiores e mais fortes.

No entanto, Isadora e Peter demonstraram outra perspectiva referente à fusão, ainda que sem contestar a compreensão das crianças mais velhas. Assim, durante a etapa da brincadeira, denotaram compreender a fusão enquanto união mágica, que Isadora relaciona à dança, por conta de sua experiência pessoal com a arte, enquanto Peter relaciona ao aumento do tamanho. Ainda que seja uma perspectiva simplificada, remete-se ao funcionamento do recurso manifestado por Clark (2017). À vista disso,

denota-se que somente as crianças mais velhas conceberam a configuração simbólica da fusão enquanto laço social, embora as crianças mais jovens tenham compreendido e reproduzido na brincadeira sua constituição.

4.2 Corpo generificado

Esta categoria parte da identificação a determinado gênero atribuída às personagens a partir de sua atribuição física, isto é, a marcação do corpo pelas características que foram socialmente construídas e atribuídas aos gêneros (MISKOLCI, 2012). Compreende-se que a caracterização pelas crianças inseriu as personagens em determinações regidas por regras que controlam os corpos e que correspondem a padrões de comportamento construídas e mantidas socialmente (LOURO, 1997; SALIH, 2007). Há, então, um impacto nas crenças e valores dos espectadores no processo de socialização.

4.3 Binarismo

Esta categoria baseia-se na frequente nomeação e separação entre “coisas de menino e de menina”, uma vez que reproduziram as concepções heteronormativas já introduzidas na compreensão infantil. É dentro dessa lógica binária que se reproduzem as relações de poder entre os gêneros e que são determinados os modelos a serem seguidos (LOURO, 1997; MISKOLCI, 2012).

Na história que Gabriel continuou, o aspecto do binarismo expressou-se na manutenção da separação das brincadeiras entre os personagens, embora tenha expressado a possibilidade de se utilizar das duas formas de brincadeira, a despeito do gênero. Essa separação também se observa na história continuada por Helena, que não permitiu que esses universos se intercalassem. Ademais, durante a brincadeira, Helena repreendeu a possibilidade da formação de um casal não normativo, reiterando, dessa forma, que desejava representar um casal “verdadeiro”, isto é, heteronormativo.

4.4 Androginia

Esta categoria apoia-se na compreensão de algumas crianças de que alguns personagens podem apresentar características pertencentes a mais de um gênero, serem uma junção dessas características, ainda que identificáveis de forma separada (“isso é de menino e aquilo de menina”), ou ainda apresentar dificuldade para atribuir um gênero definido (só masculino ou só feminino). Esta ambiguidade das personagens do desenho animado fundamenta-se no que afirma Clark (2017), visto que o desenho animado apresenta uma quebra dos padrões na representação de personagens femininos e masculinos, muitas vezes misturando suas características.

A proposta do desenho animado de representar personagens que desafiam os padrões atribuídos aos gêneros permite ressignificar as formas de socialização estabelecidas, ao apresentar modelos positivos para essas expressões diferentes e que puderam ser apreendidas por algumas crianças (MISKOLCI, 2012). Todavia, essas constatações somente se referiram às crianças maiores e à Isadora, em virtude

de tal perspectiva ter sido exposta por seu irmão. Esse fato permite refletir a facilidade com que crianças mais maduras cognitivamente ou que apresentam conhecimento de mundo mais estabelecido podem identificar as características de categorias distintas como pertencente a um único sujeito, ainda que eventualmente estranhadas, considerando a socialização binária a que são submetidas (FAW, 1981).

4.5 Identificação com as/os personagens

Esta categoria parte da preferência e até mesmo identificação demonstrada pelas crianças em relação a alguns personagens do desenho animado. Essa preferência ou identificação denotou-se tanto na apresentação dos personagens quanto na preparação e durante a brincadeira, o que poderia revelar a forma como o desenho animado foi apropriado por elas, além das diferenças e semelhanças entre as falas referentes às/aos personagens de maior afinidade e de mesmo gênero percebido por elas (Clark, 2017).

5 | UMA MÍDIA PARA UMA NOVA INFÂNCIA

Ainda que a mídia tradicional parta de concepções antiquadas tanto de infância quanto das plataformas de consumo, se observa atualmente que o contato das crianças com esses produtos está apoiado no protagonismo para além das novas concepções de infância e reprodução cultural, principalmente relacionados a plataformas virtuais como o YouTube, acessadas por *tablets* e celulares.

De forma unívoca, as crianças participantes da pesquisa manifestaram esse protagonismo, ao destacar a escolha por dispositivos portáteis e pelas plataformas sociais mais utilizadas pelos jovens atualmente, enfatizando o YouTube. Dessa forma, compreende-se que a criança, no lugar de consumir o que está estipulado na programação do canal da televisão, pode buscar ativamente vídeos com a temática que deseja no momento e intervir nesse produto a partir de curtidas, comentários, compartilhamentos ou mesmo publicando seus conteúdos nas mídias sociais, de modo a se produzir um novo padrão de consumo e de consumidor, ainda pouco abordado pelas pesquisas.

A despeito da diversidade de produtos consumidos por essas plataformas, a depender da identificação de gênero e da idade da criança, observou-se o consumo e o agrado em relação a “Steven Universo” por parte de todas as crianças, o que permite questionar o efeito que os conteúdos representativos que são evidenciados na narrativa do desenho animado provocam no público infantil (e jovem) e os pressupostos que permitem a apropriação tão diversificada dos elementos expostos no desenho animado (inclusive por público mais velhos).

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Steven Universo” pode se inserir como possibilidade de superação das barreiras apresentadas por Cordeiro e Penitente (2014), uma vez que neste desenho se apresenta a quebra de certezas acerca dos papéis de gênero e a utilização de elementos fantasiosos como a luta, a música e a dança, relacionando-as muitas vezes à fusão de personagens na representação de possibilidades não-normativas. Ademais, considerando que na infância, através da narrativa fantasiosa, a criança pode reviver, ressignificar e experimentar conflitos emocionais complexos durante seu desenvolvimento, um produto midiático que reflita sobre a diferença na representação de padrões de gênero e permita sua apropriação a partir de elementos relacionados simbolicamente (como a fusão) proporciona o questionamento acerca das novas correspondências entre infância e mídia na contemporaneidade (CAPELLINI, MACHADO & SADE, 2012).

Do ponto de vista metodológico, considera-se que a escassez de pesquisas qualitativas acerca das relações de crianças com desenhos animados representou uma dificuldade no estabelecimento de método e instrumentos que melhor contemplassem os entendimentos infantis. A despeito disso, compreendeu-se que a utilização da brincadeira livre ofereceu elementos fundamentais acerca desses entendimentos de relações e papéis de gênero, além de tornar o encontro da pesquisadora com a criança participante mais proveitoso e espontâneo.

Ademais, por não existirem pesquisas realizadas até o momento das interações de crianças com o desenho animado “Steven Universo”, conclui-se que as considerações apontadas são ainda parcialmente representativas das compreensões infantis de relações e papéis de gênero e sexualidade expressas neste desenho, seja em relação à população brasileira ou mundial. Assim, para maiores esclarecimentos acerca dos efeitos que produtos midiáticos que desafiam expressões de gênero e sexualidade exercem sobre as crianças, considera-se necessária a realização de novos estudos qualitativos, tanto com crianças (e famílias) que se inserem na normatividade como com aquelas que vivenciam sua subversão.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.57, n.5, 2004.

CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; MACHADO, Gislaíne Marquini; SADE, Rossana Maria Seabra. Contos de fadas: recurso educativo para crianças com deficiência intelectual. **Psicologia da Educação**, São Paulo, n. 34, p. 158-185, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141469752012000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 set. 2017.

CLARK, Heather L. “My lesbian space rock show”: representations of intersectional identities in Steven Universe. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Theses and projects 39. Humboldt State University, 2017. Disponível em: <https://digitalcommons.humboldt.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1036&context=etd>. Acesso em: 04 mar. 2018.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: Nversos, 2015.

CORDEIRO, A. P. e PENITENTE, L. A. de A. Questões teóricas e metodológicas das pesquisas com crianças: algumas reflexões. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v.14, n.41, p.61-79, 2014. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd99=issue&dd0=474>. Acesso em: 9 mar. 2017.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. **Educação, Sociedade e Culturas**, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002.

CUERVO, Luis Fernando; BURGOS, Julián Andrés; ÁNGEL-BOTERO, Adriana. Children’s identification processes with television characters: case studies about Colombian children and their favorite cartoon programs. **Perspectivas de la Comunicación**, Temuco/Chile, v.6, n.2, p. 38-51, 2013. Disponível em: <http://publicacionescienciassociales.ufro.cl/index.php/perspectivas/article/view/159/136>Acesso em 9 mar. 2018.

FAW, Terry. **Psicologia do Desenvolvimento: infância e adolescência**. Tradução de Auriphebo Berrance Simões. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1981.

FERNANDES, Natália. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 66, p.759-779, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216639> Acesso em 12 mar. 2018.

KRAMER, S. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p.41-59, 2002. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000200003> Acesso em 25 jan. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, p. 14-56, 1997.

MAFRA, Aline Helena. Metodologias de pesquisa com crianças: desafios e perspectivas. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v.17, n. 31, p.107-119, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p107> Acesso em 2 fev. 2018.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças** - Col. Cadernos da Diversidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti; ARAUJO, Elaine Sampaio; MIGUEIS, Marlene da Rocha. O jogo como atividade: contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista ABRAPEE**, v. 13, n. 2, p. 293-302, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000200012&lng=en&nrm=iso Acesso 11 fev. 2019.

NASCIMENTO, Neuvani Ana do, e PEIXOTO, Joana. Mídias digitais e desenvolvimento infantil: para além de rótulos e explicações. **Série-Estudos - Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB**, p. 119-138, 2015. Disponível em: <http://www.serie-estudos.ucdb.br/index.php/serie-estudos/article/view/872/716> Acesso em 10 out. 2017.

PINTO, Manuel. A Infância como Construção Social. In: PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel Jacinto. **As Crianças: Contextos e Identidades**. Braga: Bezerra Editora, 1997. P.33-73.

ROCHA, Cássio Bruno Araújo Rocha. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.43, p.507-516, 2014. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0104-8333201400430507> Acesso em 27 nov. 2017.

XAVIER FILHA, Constantina. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, 2012. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782012000300008> Acesso em 10 mar. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

Vinicius Oliveira Seabra Guimarães: Doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás) - linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura; Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás - 2016); Pós-Graduado em Docência Superior pela Faculdade Grande Fortaleza (FGF - 2011); Pós-Graduado em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Universidade Gama Filho (UGF - 2010); Pós-Graduado em Estudo da Bíblia pela Faculdade Evangélica de Teologia de Belo Horizonte (FATE-BH - 2006); Graduado em Administração pela Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás - 2007); Licenciando em Sociologia pela Universidade Anhanguera (UNIDERP); Licenciando em Pedagogia pelo Centro Universitário FACVEST (UNIFACVEST); Desde 2004 atua como professor em Instituições de Ensino Superior: Faculdades OBJETIVO, FAP, FABEC, ICG, UNIEVANGÉLICA, FASUG, CGESP, UNIP, FAC MAIS, IUESO, FAC LIONS, Fundação Bradesco, SETAL, FACULDADE KURIOS, FATEID, SEPEGO, ETIC, SPRBC, SEID, IBCAF, STBIEG e STEBB; Desde 2015 atua como professor de cursos de Pós-Graduações: IPOG, FAI, Fac Delta e FAIFA; Possui vários livros e artigos científicos publicados na área de educação, juventudes, pobreza, sociologia e teologia. Atualmente, participa dos seguintes grupos de pesquisa/estudos: JUVENTUDE E EDUCAÇÃO, vinculado a Pontifícia Universidade Católica De Goiás (PUC Goiás); OBSERVATÓRIO JUVENTUDES NA CONTEMPORANEIDADE, vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG); e, NÚCLEO DE ESTUDOS DE RELIGIÃO CARLOS RODRIGUES BRANDÃO, vinculado a vinculado a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG). E, participa do seguinte projeto de pesquisa vinculado a Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica De Goiás (EFPH/PUC Goiás): DIVERSIDADE CULTURAL E EDUCAÇÃO: JUVENTUDES, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA, ORGANIZAÇÕES E MOVIMENTOS SOCIAIS NO SÉCULO XXI.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adoecimento 5, 29, 30, 45, 50, 54, 79, 80, 81, 87
Androginia 41
Aprendizagem social 33, 69

B

Binarismo 36, 41

C

Cartoon Network 32, 34
Cidadania 90, 91
Comportamento de risco 57, 71
Comportamento sexual 5, 7, 57, 68
Convivência Hospitalar 5, 80
Cooperativismo 91
Corpo generificado 41
Crise existencial 5, 7, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 54
Cultura de orientação do erro 69, 74, 77
Cultura do erro 69
Cultura infantil 32, 36, 40

D

Deficiência visual 14, 18, 19, 22, 24, 25
Deficientes auditivos 14, 19
Depressão 12, 13, 14, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 28, 45, 46, 50, 51, 55
Desenho animado 7, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43
Desenvolvimento humano 12, 17, 22, 23, 24, 92
Desenvolvimento infantil 32, 44
Doenças crônicas 5, 7, 26, 27, 28, 30, 31
Drogas 5, 7, 45, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 91

E

Enfermaria pediátrica 8, 79, 82, 84, 86, 87, 88
Escala Likert 61
Estudantes de nível superior 7, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 54
Existencialismo 46, 47, 48, 54

F

Fatores humanos 69, 77
Fenomenologia 46, 47, 48, 55
Formação Moral 1

G

Gênero 7, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 55

H

Humanismo 5, 46, 47, 48

I

Immanuel Kant 5, 7, 1, 11

Internação Pediátrica 79, 80, 81, 82

J

Jean Paul Sartre 59

L

Laço afetivo 40

M

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon 90

Medo 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 85, 86

Meios de comunicação televisiva 32

Moralidade 5, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10

Música 7, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 43, 57, 59, 63, 85

Musicoterapia 13, 15, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 25

N

Natureza humana 1, 2, 5, 6, 10, 48, 50, 72

P

plataforma Survey Monkey 60, 61

Projeto Rondon 8, 90, 91

Psicologia 5, 12, 22, 23, 24, 26, 27, 29, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 52, 54, 55, 56, 57, 72, 78, 79, 88, 89, 91

R

Relações interpessoais 79, 87, 90

S

Segurança do paciente 69, 70, 71, 73, 75, 77

Sentido da vida 7, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 53, 54, 56

Sexualidade 32, 35, 36, 43, 44, 62, 91

Socialização infantil 32

Sofrimento psíquico 45, 46, 50, 51

Steven Universo 32, 34, 35, 37, 38, 42, 43

T

Transformação social 5, 6, 91

Transtorno do espectro autista 12, 13, 24

V

Valor Moral 1, 2, 3, 6, 8, 9, 11

Vazio existencial 49, 50, 53, 57, 59, 60, 64, 66

Z

Zygmunt Bauman 5, 45, 47

